

FICÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: A *OBRA EM NEGRO*, DE MARGUERITE YOURCENAR

Pedro Armando de Almeida Magalhães (UERJ)

Resumo: É a partir da articulação entre o ficcional, memória e dados históricos que se constrói o romance *A obra em negro*. Sua autora mescla diferentes ritmos historiográficos a uma ficção não desprovida de traços autobiográficos. Com efeito, nota-se na narrativa tanto a influência marcante de diferentes correntes oriundas da “École des Annales”, particularmente das concepções do historiador Fernand Braudel, quanto ressonâncias familiares, comprovadas através de biografias como a de Josyane Savigneau, ou explicitadas através da Trilogia de Memórias intitulada *O labirinto do mundo* (*Souvenirs pieux - Archives du nord - Quoi? L'éternité*). De certo modo, pode-se dizer que no romance as histórias do Renascimento belga e francês formariam um cenário propício para uma escrita de si ficcional. O percurso do protagonista Zenão, livre pensador, viajante inveterado, questionador das convenções, tem muito da trajetória adotada pela escritora. Recriar ficcionalmente os universos belga e francês do século XVI em três grandes movimentos, correspondendo a três partes na narrativa, seria também uma maneira de antever subrepticamente a concepção da história familiar, condensada posteriormente de forma aprofundada nos três tomos de memórias, e, a partir da exploração das raízes nacionais, paradoxalmente, reforçar a própria individualidade. Zenão seria um vetor de que Yourcenar se valeria para reprocessar a própria existência. Com base nas concepções de Paul Ricoeur sobre memória e em estudos sobre correntes historiográficas, busca-se analisar globalmente e de maneira sucinta como o romance remete em sua macroestrutura ou por intermédio de seu herói aos escritos biográficos ou autobiográficos de Yourcenar, evidenciando assim uma escrita de si fincada na contemporaneidade e capaz de sugerir linhas de força das mentalidades atuais.

Palavras-chave: Memória. Romance histórico. História.

Questões identitárias (“*Unus ego et multi in me*”): devisa do personagem Zénon)

Marguerite Yourcenar é escritora renomada de língua francesa do século XX. Viveu do início do século até o final dos anos 80 (mais precisamente no período 1903-1987). Ela tem sua nacionalidade associada a dois países vizinhos, a França e a Bélgica, muito embora seus pais tenham pertencido a famílias abastadas de espaço geográfico que guarda certa uniformidade cultural, correspondendo ao Condado das Flandres medieval. Seu pai, Michel, é francês de Lille. Sua mãe, Fernande, belga de Suarlée (Província de Namur). Yourcenar nasceu em Bruxelas, mas afirma algumas vezes se identificar mais com a França. A questão, no entanto, está longe de ser simples. Ainda mais porque ela não se chama realmente Yourcenar, nem se fixou na Europa.

Não devemos esquecer que em dado momento de sua vida a escritora adota o pseudônimo como seu verdadeiro sobrenome, como se abraçasse uma nova existência.

Na verdade ela nasceu Marguerite Cleenewerck de Crayencour. No início da Segunda Grande Guerra, aceita o convite daquela que se tornará sua companheira de vida, Grace Frick, e parte para os Estados Unidos. Lá torna-se, ao trocar de nacionalidade, Marguerite Yourcenar. É este sobrenome que figura em documento americano. Algo de suas origens, no entanto, se esconde em Yourcenar, pois trata-se, como sabemos, de anagrama de Crayencour. De qualquer forma, podemos afirmar que a mudança de nome reflete uma independência e uma afirmação identitária. Entre a linhagem materna e a paterna, ela parece assim buscar construir a melhor versão de si. Nos Estados Unidos, vive a parte mais produtiva de sua vida com a companheira na costa leste, perto de Boston, na Ilha dos Montes Desertos.

Amante da cultura clássica, greco-latina, Marguerite recebe educação peculiar, esmerada, como se fosse um membro da nobreza. Ela se forma com a ajuda de preceptores particulares. Não frequenta estabelecimentos escolares. O pai tem interesse que ela seja livre, que se torne uma livre pensadora. Dele ela recebe o gosto pelas viagens, pelos périplos, a deambulação. Bem cedo ela decide se tornar escritora, mas é graças a dois romances históricos, *Memórias de Adriano* (1951) e *A obra em negro* (1968), que ganha grande notoriedade mundial. Já célebre, torna-se a primeira mulher a ser eleita para a Academia Francesa de Letras (1981), tendo também conquistado um assento na Academia Real Belga (1970).

Ela sempre admirou a história, sempre se manteve atualizada sobre os eventos de época, não hesitando em tomar posição sobre a política, ecologia, direitos sociais, proteção dos animais, entre outros temas.

Ao final de sua vida escreve uma trilogia de memórias pessoais, de família, chamada de *O labirinto do mundo*. O primeiro tomo (*Souvenirs pieux*, 1974) trata principalmente de sua mãe, Fernande; o segundo tomo (*Archives du nord*, 1977) da família paterna; o terceiro (*Quoi? L'éternité*, 1988) é mais livre, retomando temas não desenvolvidos nos dois primeiros volumes, mas também procurando ser mais autobiográfico. Este terceiro tomo distingue-se por não ter sido finalizado. Interessante notar que seus livros de memórias tratam mais das origens familiares e especialmente, da história de vida da mãe (*Souvenirs pieux*) e do pai (*Archives du nord; Quoi? L'éternité*) que propriamente da própria existência. Esta foi objeto de algumas biografias, dentre as quais se destaca a escrita por Josyane Savigneau (1990).

Estruturação da trilogia *O labirinto do mundo*

O primeiro tomo da trilogia é marcado pelo luto. O próprio título evoca a morte, a perda. “Santinhos de luto” seria uma tradução possível. Há algo lúgubre, terreno. O passado é o do cemitério, das moradias antigas. O falecimento da mãe de Marguerite Yourcenar tem grande destaque, ocupando lugar central no volume.

O segundo é o tomo que se inicia nos tempos imemoriais. A primeira parte do volume é quase uma volta às origens da humanidade. Yourcenar não hesita em evocar vários antepassados medievais do ramo paterno, assinalando vez por outras contribuições desta pesquisa genealógica ao processo de elaboração do romance *A obra em negro*. Em seguida a autora se dedica a narrar a vida do avô paterno, para, logo depois privilegiar a história do pai Michel. De certa forma, às limitações terrenas ressaltadas através de *Souvenirs pieux*, *Archives du nord* opõe a vertigem histórica do infinito das origens e da movimentação livre consubstanciada pela prodigalidade e elevado grau de nomadismo do pai.

O terceiro tomo é o da infância e juventude da escritora. Mas ela figura aqui mais como testemunha da vida dos próximos. Ela sempre procura se ver com distanciamento (referindo-se na terceira pessoa do singular), privilegiando o foco na existência do pai Michel ou de pessoas no seu entorno.

História e memória

O procedimento do qual Yourcenar se vale para tratar da história familiar tem grande semelhança com o utilizado para conceber romances históricos. Yourcenar é uma apaixonada por história. Como tal, não esconde que conhece o trabalho dos historiadores antigos e os contemporâneos. Em entrevista transcrita faz menção a historiador das correntes historiográficas do século XX. Conhece a obra da *Ecole des Annales* e de seus herdeiros da Nova História.

No romance *A obra em negro* fica evidenciada a influência maior das concepções do grande herdeiro de Marc Bloch e Lucien Febvre, Fernand Braudel, na estruturação tripartite da narrativa. Nota-se que a ideia de uma história quase imóvel, uma espécie de geo-história, parece se metaforizar na imobilização progressiva do herói, que de andarilho compulsivo, na primeira parte do romance, deixa-se fixar espacialmente, na rotina dos atos cotidianos, no contato com pessoas comuns. Por outro lado, a prisão como metáfora dos limites humanos, sejam eles físicos, sociais ou psicológicos, é uma constante na obra

da autora. Está presente explicitamente em *Archives du nord*. Em *A obra em negro* a prisão é tanto literal quanto figurada para o herói.

Com relação à memória, o filósofo Paul Ricoeur (2000) diferencia três tipos em geral. Haveria uma memória individual, própria a cada ser humano, correspondendo a sua visão subjetiva dos fatos passados. Haveria uma memória de grupo, referente a uma comunidade de seres, passado partilhado conjuntamente. Esta memória compreenderia a memória de família. E por fim uma memória coletiva, mais geral, que teria relações com a constituição da história oficial propriamente dita. A memória coletiva se construiria a partir de uma escala de valores. Política, econômica, social e culturalmente ela é povoada por eventos, ciclos, situações ou indivíduos marcantes, considerados dignos de nota para um Estado nacional, por exemplo.

No caso de Yourcenar, as três espécies de memórias dialogam, mas em se tratando dos tomos que formam *Le labyrinthe du monde*, é inequívoca a predominância da memória de grupo, de família, preservada e representada através da narrativa individual. A memória individual se posiciona em plano de apoio a serviço da memória da família da mãe Fernande (caso de *Souvenirs pieux*), ou em proveito da memória da linhagem do pai (*Archives du nord*). Yourcenar em suas “notas à guisa de posfácio”, revela as fontes da pesquisa genealógica, que podem ser arquivos oficiais, imagens (sejam pinturas ou fotografias), relatos orais ou escritos de parentes (livros publicados, diários, cartas), etc. Devido à certa importância dos antepassados na história das Flandres, a autora procura situar a posição dos membros da família no jogo político-social da história regional. No caso do último tomo, *Quoi? L'éternité*, já verificamos a memória individual ocupando um espaço de relevo, pois é marcante o testemunho ocular da autora. A narrativa de *Quoi? L'éternité* privilegia os eventos ocorridos na juventude da autora, a partir de seu nascimento.

A obra em negro: Zénon alter ego de Yourcenar?

Se a autora insere notas para balizar as informações contidas nos livros de Memórias, já agia do mesmo modo com relação a romances de ficção, como ocorre em *A obra em negro*. Yourcenar procura indicar de forma sucinta as bases bibliográficas e procedimentos de pesquisa histórica que orientaram a constituição da narrativa. Trata a trilogia memorial de forma semelhante aos romances históricos ficcionais. Em ambos os casos, as notas atestam a pesquisa histórica criteriosa, bem como a busca pela

verossimilhança através da criação ficcional. Demonstram-se assim as estratégias adotadas para que o respeito à veracidade seja assegurado.

A esta similitude de procedimentos, podemos observar alguns pontos de contato entre *O labirinto do mundo* e *A obra em negro*. Podemos observar que o romance histórico *A obra em negro* reflete de diversas maneiras a história pessoal da autora, muito embora sua narrativa se situe no século XVI europeu. Primeiramente, o espaço geográfico privilegiado são as Flandres, havendo um nítido enfoque na história belga, neerlandesa e francesa, justamente o território das origens da escritora. Cumpre ademais ressaltar a relevância do período, que marca uma ruptura de grande importância, a época da Revolta das Províncias Unidas, simbolizada, no lado belga, pela execução traumática dos Condes de Egmont e Hornes. Para a formação do sentimento nacional belga, o período é portanto de suma relevância, deixando marcas indeléveis nas mentalidades. Deve-se apontar que na Bruxelas da atualidade a Passagem Marguerite Yourcenar, com trechos de *A obra em negro* gravados em muretas de concreto, se encontra bem próxima à Praça do Vieux Sablon, onde figuram os grandes pensadores políticos belgas, com destaque para a estátua central dos Condes de Egmont e Hornes.

Além desse dado principal, cenário histórico espacial de onde se firmam as raízes familiares de Yourcenar, a liberdade de pensamento do protagonista Zénon muito se aproxima da postura de vida da escritora. Zénon seria um alter ego. A autora da biografia de Yourcenar, Josyane Savigneau (1990) consegue demonstrar como as etapas de vida de Zénon se assemelham, em linhas gerais, a etapas importantes de vida de Yourcenar. A vida errante da primeira parte do romance corresponderia às muitas viagens até o eclodir da Segunda Grande Guerra. A vida imóvel em Bruges equivaleria aproximadamente à vida mais sedentária nos EUA, longa e produtiva. A prisão do final corresponderia à constatação das limitações existenciais de cada ser humano, percebidas com muito mais acuidade por uma Marguerite madura e experiente, ciente do final da existência.

Também na análise micro há várias ressonâncias. Yourcenar reconhece, por exemplo, ter se valido dos nomes Adriansen e Cleenewerck, de família, para criar personagens ficcionais. Algumas relações de personagens têm grande semelhança com relações entretidas por familiares. Para dar um só exemplo, a amizade de Zénon com o Prieur des Cordeliers, religioso, parece encontrar inspiração na relação do pai Michel com um trapista (narrada em *Quoi? L'éternité*).

O artesão historiador à sombra do escritor, ou o “ficcionalista historiográfico”

De certa forma, Marguerite Yourcenar busca, nas obras cujo enfoque são os dados memoriais, como na trilogia *Le labyrinthe du monde* ou no romance histórico *L'œuvre au noir*, respeitar preceitos do ofício do artesão historiador. Os procedimentos são revelados através de notas explicativas em forma de posfácio. A minúcia erudita das referências históricas no corpo das narrativas comprova a excelência do “ficcionista historiográfico”, por mais estranha ou contraditória que esta designação possa parecer.

Se de um lado, *A obra em negro* apresenta o respeito pela memória coletiva, que fundamenta a história das Flandres do século XVI, de outro, ao contato com a trilogia *O labirinto do mundo*, demonstra uma ancoragem inequívoca na memória familiar e individual da autora. É como se nos fosse revelado, ao cotejarmos o romance histórico, as memórias, e os escritos biográficos (como os de autoria de Josyane Savigneau), um esteio subjetivo ficcional bem delimitado que, justamente por advir de experiências memoriais familiares e/ou individuais, reforça o grau de verossimilhança à narrativa que almeja retratar período histórico com fidelidade. De certo modo, pode-se imaginar *A obra em negro* como um negativo fotográfico de uma história pessoal em suas linhas mais amplas.

Referências:

BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1974.

BRAUDEL, Fernand. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1991.

MAGALHÃES, Pedro Armando de Almeida Magalhães. “Fiction et histoire personnelle dans L'ŒUVRE AU NOIR”. In : POIGNAULT, Rémy et al. (org.). *L'écriture du moi dans l'oeuvre de Marguerite Yourcenar*. Clermont-Ferrand : Société Internationale d'Etudes Yourcenariennes, 2004. pp. 189-195.

———. *Repensar o romance histórico: leituras de Esaú e Jacó de Machado de Assis e L'œuvre au noir de Marguerite Yourcenar*. UERJ, Instituto de Letras, 2007. 258 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Letras. (consulta facultada no site www.bdttd.uerj.br)

RICŒUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris : Seuil, 2000.

SAVIGNEAU, Josyane. *Margerite Yourcenar: l'invention d'une vie*. Paris : Gallimard, 1990.

YOURCENAR, Marguerite. *Essais et mémoires*. Paris: Gallimard, 1991. (Bibliothèque de la Pléiade)

———. *Les yeux ouverts: entretiens avec Matthieu Galey*. Paris: Le Centurion, 1980.

———. *Œuvres romanesques*. Paris: Gallimard, 1982. (Bibliothèque de la Pléiade)